



MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: proposta de leitura do conto “A cartomante”

Gabriel Pedro Lopes
Graduando em Letras/Português – Uni-FACEF
gabrielpedrogp51@gmail.com

Laureane Fernanda da Silva Andrade
Graduanda em Letras/Português – Uni-FACEF
laureaneandrade@gmail.com

Suellen Moura Romão
Graduanda em Letras/Inglês – Uni-FACEF
sumoura98@hotmail.com

Monica de Oliveira Faleiros
Doutora em Estudos Literários – Uni-FACEF
molifafacef@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo descrever as atividades de Prática de componente curricular (PCC) acerca da obra de Machado de Assis, desenvolvida por nós, ao longo do quinto semestre do Curso de Letras (2021), com o objetivo de refletir sobre a necessidade de se ensinar Literatura; estudar o autor e a obra em seu contexto e instante de produção; selecionar e estudar o corpus no conjunto de contos produzidos pelo escritor em sua maturidade; elaborar e, conseqüentemente, preparar procedimentos visando à aplicação das referidas atividades em sala de aula. Para tanto, partimos da apresentação do autor e obra, acrescentamos textos e informações relacionados ao conto escolhido para realizar uma ampliação de referências no campo da literatura e da cultura, elaboramos atividades de interpretação, proposta de produção textual e avaliação. A fim de fundamentar esse percurso de trabalho, realizamos e fundamentamos nossos estudos à luz das reflexões de Candido (2011), Barthes (1982), Perrone-Moisés (2016) e Lajolo (2007) acerca de suas considerações sobre o porquê de se estudar literatura e quais os ecos reflexivos que se estruturam para o crescimento dos alunos, tendo em vista o olhar crítico sobre um texto de natureza literária. Em um segundo momento, após tais ponderações, apresentamos estudos biográficos sobre o autor, contextualização, percurso da obra além de seus aspectos estilísticos, nesse momento, a fundamentação volta-se, sobretudo, para a os ensaios e estudos críticos de Candido (2011), Bosi (1985) e (2007). A última parte do presente estudo descreve a prática pedagógica acerca do conto escolhido, “A cartomante” que integra o livro *Várias histórias*, bem como os procedimentos aplicados, e os modos a partir dos quais se pode apresentar um texto de uma singular riqueza e profundidade literária para estudantes de Ensino Médio. Finda-se com a proposta de trabalho e a potencial metodologia funcional para o conjunto de situações comentadas nestas linhas: o texto literário na prática escolar juntamente com a necessidade de seus estudos. O ponto central deste estudo, além de exprimir técnicas e métodos para se aplicar à obra machadiana em sala de aula, é, de fato, efetivar a compreensão de se

ler literatura na união do encanto em Machado de Assis com o processo de construção de cidadãos críticos e questionadores.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Machado de Assis. “A Cartomante”.

Submissão: 25/10/2021 **Aprovação:** 09/11/2021

1 Introdução

A palavra tocada pela arte é, em muitos casos, não muito aprofundada e analisada em sala de aula. De fato, ensinar Literatura é um desafio, visto que a complexidade temática, composicional e estilística requer não apenas uma solidificada compreensão do professor, mas, também, uma didática que seja eficiente dentro do processo de consolidação do conhecimento dos estudantes.

Assim, ao inserir uma obra ou autor clássicos no contexto escolar, exige um trabalho cuidadoso e aprofundado, tendo em vista o incentivo à leitura e à compreensão integral dos sentidos e estruturação do texto. Nesse aspecto, a proposta em que este artigo é embasado é esta: a união de ensino e Literatura, de modo que esse elo seja fixo, profundo e, sobretudo, eficiente.

Nessa perspectiva, este artigo, a partir da PCC embasada no renomado Machado de Assis, traz uma proposta de aplicação de uma obra literária dentro de uma sala de aula. Para tanto, faz-se necessária uma exposição inicial sobre a compreensão da importância do ensino de Literatura e o que a faz tão significativa na constituição de um cidadão crítico.

Logo após, contempla-se o contexto e percurso da obra de Machado de Assis, além de breve biografia. Prosseguindo, tecem-se considerações acerca do conto machadiano e suas características, visando à construção da temática: o conto “A cartomante” enquanto o *corpus* é parte fundamental desta produção. Faz-se uma apresentação e análise do conto referido para projetar do contexto escolar um potencial trabalho aliado a suas aplicações e procedimentos para, no final, efetivar-se a proposta de trabalho aqui projetada.

Sendo assim, abordadas as partes constituintes, parte-se à primeira seção: ensino de Literatura e sua importância.

2 Sobre o ensino de Literatura

Projetando na reflexão crítica aquilo que tange o plano educacional a partir do relevo literário, iremos abordar a importância da Literatura para a humanidade de um modo geral e, em continuidade, responderemos à questão feita por muitos alunos: por que ler ou estudar Literatura?

2.1 Por que ler e estudar Literatura?

Em entrevista, publicada no livro *O grão da voz* (1982), perguntou-se ao crítico de Literatura Roland Barthes o que pensava sobre a necessidade de se ensinar Literatura, ao que ele respondeu:

MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: proposta de leitura do conto “A cartomante”

Pode-se chamar literatura a um *corpus* de textos sacralizados, mas também classificados por uma metalinguagem (a história da literatura), isto é, um *corpus* de textos passados estendendo-se do século XVI ao século XX[...] Esta literatura é até ao século XX uma *mathesis*: um campo completo do saber. Ela encena, através de textos muito diferentes, todos os saberes do mundo num determinado momento. [...] A literatura é, certamente, um código narrativo, metafórico, mas também um local onde se encontra comprometido, por exemplo, um imenso saber político. *É por isso que afirmo, paradoxalmente, que só é preciso ensinar a literatura, porque dela se poderiam aproximar todos os saberes* (BARTHES, 1982, p. 232 e 233. Grifos nossos).

Assim, pensamos Literatura também como aquilo que Candido (2004) definiu de modo sintético em suas reflexões acerca “do direito à Literatura”: iremos entendê-la, então, enquanto “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (CANDIDO, 2004, p. 174); ou seja, as criações artísticas que sejam tocadas pelo teor plurissignificativo de suas formas composicionais, seja a palavra, a ação, a narração no âmbito da expressão verbal.

Parafraseado Candido (2004), *a literatura é o sonho acordado das civilizações*, visto que, a partir dela, guardam-se as chaves de uma sociedade, as marcas de suas vontades; revelam-se, no plano textual, as gavetas culturais de um povo e o seus constituintes nos ecos de suas construções literárias. Estudá-la, portanto, é analisar o que forma o discurso humano e psíquico, é ponderar os caminhos pelos quais passou a humanidade: é, em suma, contemplar o ser humano em sua projeção interna.

Deste modo, ela (a Literatura) é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupai ou escolar. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (CANDIDO, 2004, p. 175).

Percebe-se, ainda nas sociedades pretéritas, vigentes e emergentes que

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (CANDIDO, 2004, p. 175).

LOPES, G. P.; ANDRADE, L.F.S.; ROMÃO, S.M.; FALEIROS, M. O.

Retratando ainda essa realidade sobre a natureza da Literatura, o crítico ressalta que:

Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco (CANDIDO, 2004, p. 176).

Além disso, como dissemos, na voz do autor referenciado, a obra literária é um “objeto construído”, ou seja, uma organização de linguagens e sentidos que leva em conta elementos da cultura, da língua e da literatura, dotado de grande poder de humanização e de organização:

Se fosse possível abstrair o sentido e pensar nas palavras como tijolos de uma construção, eu diria que esses tijolos representam um modo de organizar a matéria, e que enquanto organização eles exercem papel ordenador sobre a nossa mente.[...] A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo (CANDIDO, 2004, p. 177).

Sendo assim, a Literatura é uma ferramenta humanizadora, repositório da cultura e da memória, expressão do sentimento humano em suas inúmeras esferas em decorrência da pluralidade do homem. No entanto, justamente pela elevação do que é dito no plano literário, em muitos casos, a compreensão do texto é perdida ou não é completa, tornando-o não muito acessível pela linguagem. Nesse sentido, Leila Perrone-Moisés (2016) comenta o seguinte:

Sintetizando o que foi dito pelos melhores teóricos, responderíamos à pergunta “Por que estudar literatura?” com os seguintes argumentos: porque ensinar literatura é ensinar a ler e, nas sociedades letradas, sem leitura não há cultura; porque a capacidade de leitura não é inata, mas adquirida; porque os textos literários podem incluir todos os outros tipos de textos que o aluno deve conhecer, para ser um cidadão apto a viver em sociedade; porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e do autoconhecimento; porque a literatura de ficção, ao mesmo que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é uma necessidade humana e pode inspirar transformações históricas; porque a poesia capta níveis de percepção e fruição da realidade que outros tipos de textos não alcançam (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.80-81).

Nessa continuidade, é mais do que evidente que, quando se trabalha Literatura em sala de aula, existe a necessidade de se acompanhar o leitor, ampará-lo, visto que, naturalmente, o texto traz à tona o diálogo com o leitor e a realidade deste influencia diretamente sua compreensão. No caso, crianças e adolescentes do

MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: proposta de leitura do conto “A cartomante”

ensino fundamental, evidentemente, poderiam ter dificuldades para compreender a obra pela sua complexidade: eis a necessidade de se nortear o jovem leitor, e quem realiza essa orientação é o professor, a partir da organização de seu conhecimento por meio de suas metodologias e técnicas pedagógicas.

Entendida a importância de se ler e ter acesso à Literatura, parte-se para a compreensão e ponderação sobre a hodierna situação do processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar.

3 Machado de Assis na sala de aula

No Brasil, sempre houve um déficit no ensino de Literatura justamente pela dificuldade da linguagem e por não se alcançar a importância dela não só na cultura, mas na vivência de cada um que entra em contato com o relevo literário. Nessa senda, pode-se perceber que

Os “parâmetros curriculares” oficiais têm sido criticados e refeitos sem que se chegue a uma conclusão. Incluída na área de “Linguagem, código e suas tecnologias”, a literatura é vista como uma técnica de linguagem verbal, e a linguagem verbal é apenas uma entre outras linguagens. A própria língua é desvalorizada, já que a norma padrão é apenas “a variante linguística de determinado grupo social” e “ela representa o valor político e econômico de certos grupos social que autorizam sua legitimidade”. Despreza-se o fato de que a Constituição do país e todas as suas leis, assim como os contratos oficiais que os estudantes terão de assinar em sua vida futura, são regidas na norma padrão, que eles não aprenderão (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.76).

O desprezo para com a língua e seus níveis diversos, como dito, recai, também, sobre a Literatura de modos distintos: com a obrigatoriedade de leituras, falta de explanação devida e métodos equivocados, como o método de troca entre a leitura e pontuação, ou seja, muitas vezes o texto literário torna-se apenas um suporte para se discutir e ensinar questões de língua, esse, no entanto, não deveria ser o foco. Se caso o docente quiser trazer algum fato da língua, o cenário ideal é que seja usado para contemplar os usos da língua em ecos com seus efeitos de sentido no texto.

Dessarte, acerca dessa temática, Lajolo (2007) comenta que:

Talvez não se tenha refletido ainda o bastante sobre alguns traços que modernas pedagogias e certos modelos de escola renovada imprimem à educação, principalmente ao ensino de literatura. Nesse sentido, urge discutir, por exemplo, o conceito de *motivação*, porque é um nome dele que a obra literária pode ser completamente desfigurada na prática escolar. Propor palavras cruzadas, sugerir identificação com uma ou outra personagem, dramatizar textos e similares atividades que manuais escolares propõem, é periférico ao ato da leitura, ao contato solitário e profundo que o texto literário pede (LAJOLO, 2007, p. 15).

Sendo assim, atividades construídas a partir de uma consolidada sequência didática pode unir a motivação com a própria prática da leitura aliada à construção do entendimento da obra. A referência do objeto artístico com a

cultura, contexto histórico propiciam um cenário que sustentam uma aprendizagem efetiva, motivada e concreta.

Para que isso seja de fato consolidado, a formação dos professores deve abarcar a esfera teórica dos estudos literários como um todo juntamente com o saber linguístico adequado para a prática docente na área da Literatura, a fim de que esses profissionais carreguem a ciência não apenas de seu papel, mas, também, a importância de ter o conhecimento bem estruturado para bem passá-lo no contexto escolar.

Diante disso, nossa proposta de trabalho com o texto literário foi voltada para o escritor Machado de Assis e seu conhecido conto “A cartomante”. Tendo isso em vista, apresentaremos um estudo sobre o autor e, em seguida, a nossa prática de componente curricular, a qual foi desenvolvida, como dissemos, ao longo do quinto semestre do Curso Letras do Uni-FACEF, no ano de 2021.

3.1 Contexto e percurso da obra de Machado de Assis

Em 1839 no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, nasceu Joaquim Maria Machado de Assis, menino de origem humilde que um dia viria a ser um dos maiores escritores do Brasil. Criado pela madrasta Maria Inês, devido à morte dos pais quando ainda era criança, Machado de Assis estudou em escola pública e era um admirável autodidata, e, mesmo com a sua classe social, a gaguez e a epilepsia, conseguiu alcançar trabalhos como tipógrafo, escritor e funcionário e chegou a ser o fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras. Casou-se com uma portuguesa de boa família chamada Carolina Xavier de Novais e não teve filhos, mas deixou uma vasta e célebre obra que é apreciada até os dias atuais mesmo após a sua morte, ocorrida em 1908.

Segundo Bosi (1985), a ficção de Machado de Assis é considerada o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira. O renomado escritor se sobressai devido ao seu humor irônico, ao microrrealismo psicológico, à sensualidade velada, às reiteraões e à estranheza presentes em muitos trechos de suas obras. Bosi também ressalta a importância da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), que é considerada o divisor de águas da obra machadiana, pois trouxe um aprofundamento da repulsa pelas idealizações românticas que vigoravam na época, deixando “emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente” (BOSI, 1985, p. 197). Além de *Memórias Póstumas*, alguns outros textos produzidos entre 1878 e 1880 marcaram o “salto qualitativo” do autor, dando início à essa segunda fase definida pelos romances e contos da maturidade, os quais trouxeram complexidade e universalidade à ficção brasileira. Sobre uma das características marcantes dessas obras, Bosi cita:

[...] Deslocado, assim, o ponto de vista, um velho tema como o triângulo amoroso já não se carregará do *phatos* romântico que envolvia herói-heroína o outro, mas deixará vir à tona os mil e um interesses de posição, prestígio e dinheiro, dando a batuta à libido e à vontade de poder que mais profundamente regem os passos do homem em sociedade. [...] não há mais heróis a cumprir missões ou a afirmar a própria vontade; há apenas destinos, destinos sem grandeza (BOSI, 1985, p. 200).

Em seu ensaio denominado “Esquema de Machado de Assis”, Candido (2004), assim como Bosi, destaca algumas características notáveis presentes na

MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: proposta de leitura do conto “A cartomante”

obra machadiana. É possível perceber a “boa linguagem” do autor, composta pela “ironia fina” e o “estilo refinado”, a significativa ambiguidade, que exige um leitor mais atento para percebê-la, a questão da dúvida e de finais que possibilitam uma dupla leitura, os subentendidos e eufemismos, o pessimismo, as situações que mostram “os conflitos essenciais do homem consigo mesmo, com os outros homens, com as classes e os grupos” (CANDIDO, 2004, p. 32), tudo constituindo o que o ensaísta chama de uma “prosa elegante e discreta”. Além disso, Candido ressalta:

A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície (CANDIDO, 2004, p. 23).

3.2 O conto machadiano

Em seu ensaio denominado “A máscara e a fenda”, Bosi (2007) apresenta o percurso dos contos produzidos por Machado de Assis, inclusive aqueles publicados nas décadas de 1860 e 70, em que é possível observar características românticas e idealizantes das histórias de folhetins. Dessa época, há as coletâneas *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873), em que o *status* é o tema central da história e a maior preocupação das personagens. Assim, a condição principal apresentada nos contos é sempre focada no desequilíbrio social de classe que será apenas solucionado quando a personagem obtém algum patrimônio por meio de herança ou quando se casa com alguém abastado. Bosi ainda afirma:

Seja como for, o eu narrador dos contos iniciais parece ter ainda um grau baixo de consciência dessa ambiguidade. Ainda se pratica, em muitos casos, a repartição das almas em cínicas e puras. Ainda se pune romanticamente o rapaz que finge sentimentos de amor (em “Luís Soares”, em “O segredo de Augusta”), ou procura-se cancelar qualquer suspeita de interesse na conduta do futuro beneficiado (“Miss Dollar”). A ênfase nos bons sentimentos torna difícil medir o grau de desconfiança do ponto de vista em relação às molas reais da intriga. Em suma, à primeira leitura, ou há evidência de má fé, ou evidência de lisura. Nem por isso alguns dos *Contos fluminenses* deixam de ser histórias de suspeita e engano (BOSI, 2007, p. 77).

Assim, em *Contos fluminenses* há um maior enfoque na mentira, sendo, no final da história, ou castigada ou descoberta como uma errônea suspeita. Já em *Histórias da meia-noite*, Machado começa a retratar as novas relações humanas que prevaleciam até mesmo no âmbito privado, em que, o que antes era considerado frieza e cinismo, começa a se tornar cada vez mais comum.

Com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, inicia-se a segunda e mais madura fase da obra machadiana, inclusive na produção de contos com a publicação da coletânea *Papéis Avulsos* em 1882. A partir desse momento, Machado passa a tratar mais sobre a importância da aparência e do engano, tanto na sociedade quanto na consciência individual e, por isso, a sua narração tende a ser mais distanciada e problemática, ressaltando os contrastes e as ambiguidades.

LOPES, G. P.; ANDRADE, L.F.S.; ROMÃO, S.M.; FALEIROS, M. O.

Para Machado, como afirma Bosi, “importa-lhe cunhar a fórmula sinuosa que esconda (mas não de todo) a contradição entre parecer e ser, entre a máscara e o desejo, entre o rito claro e público e a corrente escusa da vida interior” (BOSI, 2007, p. 84). Além disso, Machado acreditava que não existia autonomia do sujeito, pois este sempre estaria ligado às instituições para conseguir plenamente o direito à vida material e, conseqüentemente, ao prazer. Bosi ainda declara:

Vejo nos contos maduros de Machado, escritos depois de franqueada a casa dos quarenta anos, o risco em arabesco de “teorias”, bizarras e paradoxais teorias, que, afinal, revelam o sentido das relações sociais mais comuns e atingem alguma coisa como a estrutura profunda das instituições (BOSI, 2007, p. 85).

O humor se sobressai no conto-teoria, deixando exposta a “relação de dependência do mundo interior em face da conveniência mais forte” (2007, p. 85). Alguns contos que revelam essas teorias de comportamento são “O alienista”, “Teoria do medalhão”, “O segredo do bonzo”, “O espelho”, dentre outros. Neles, são apresentadas as máscaras exigidas para a vida em sociedade, evidenciadas pela conciliação entre desejo, interesse e valor social. Além disso, há contos, como “Noite de almirante” e “Uns braços”, que retratam relações assimétricas entre os pares, em que, aquele que buscou o *status* e o seu próprio interesse e não se desvinculou da máscara, vence daquele que agiu abertamente diante do outro na relação. Por fim, também há contos em que Machado expõe a crueldade extrema do homem em sociedade, como em “A causa secreta”, “O enfermeiro” e “Pai contra mãe”.

Enfim, a partir das observações sobre os contos machadianos, Bosi finaliza seu ensaio com a seguinte reflexão:

Repuxando o cotidiano para situações-limite, Machado testa o pensamento conformista segundo o qual a ordem da sociedade é uma ordem natural ou providencial, e ambas formam a melhor das ordens possíveis deste mundo. A análise dos contos-teorias revelou exatamente o contrário: a convenção, enquanto prática das relações sociais correntes, é, muitas vezes, produto da fraude que o poder exerceu para instalar-se e perpetuar-se. A verdade pública é uma astúcia bem lograda. E a dicotomia selvagem de fracos e fortes reproduz-se no contraste civilizado de poderosos e carentes, espertos e ingênuos (BOSI, 2007, p. 125).

3.3 Apresentação da análise do corpus

Para trabalharmos com o conto de Machado de Assis em sala de aula, elegemos “A cartomante”, famoso conto publicado na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro em novembro de 1884 e, posteriormente, publicado em 1896 no livro *Várias Histórias*.

O conto começa citando uma obra extremamente famosa de William Shakespeare, *Hamlet*, indicando o questionamento da existência do sobrenatural:

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras (ASSIS, 2008, p. 17).

**MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: proposta de leitura do conto
“A cartomante”**

Rita, convicta de que existe o extraordinário, conta a Camilo sua ida à cartomante a fim de descobrir se o seu amado ainda estava interessado nela. Camilo zomba de Rita e se mostra incrédulo das coisas sobrenaturais, pois quando era criança acreditava nisso devido às crendices da mãe, mas quando virou adulto, passou a negar totalmente o místico.

A partir disso, há um corte temporal na história, procedimento conhecido como *in media res*, em que o narrador volta ao passado para fazer preenchimentos a fim de situar o leitor. É possível conhecer a história anterior dos três personagens centrais do conto: Vilela, Camilo - amigos de infância - e Rita - esposa de Vilela -. Rita é descrita como uma mulher mais velha e mais experiente, enquanto Camilo é visto como um rapaz influenciável e fraco:

Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição (ASSIS, 2008, p. 18).

Os três são amigos e, após a morte da mãe de Camilo, Rita se aproxima ainda mais deste. Conforme o tempo foi passando, eles foram se apaixonando e é possível perceber a sedução provocada por Rita, até que se tornam amantes e traem Vilela:

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas (ASSIS, 2008, p.18 - 19).

Evidenciando a crítica moral machadiana, percebe-se que contanto que o marido não descobrisse a traição, estava tudo perfeito para os amantes, até o dia em que Camilo começa a receber cartas anônimas dizendo que todos sabiam da traição. Assim, ele decide rarear as visitas à casa de Vilela, até cessá-las completamente.

Terminando o processo de *in media res*, o narrador continua a cena que fora interrompida e relata que a interrupção das visitas de Camilo fora a razão de Rita ter ido à cartomante:

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez (ASSIS, 2008, p. 19).

Depois desse encontro, eles continuam a receber mais algumas cartas anônimas e ficam ainda mais preocupados quando Vilela começa a ficar sombrio e

LOPES, G. P.; ANDRADE, L.F.S.; ROMÃO, S.M.; FALEIROS, M. O.

parecendo desconfiado, decidindo, enfim, passar algumas semanas separados. Após isso, Camilo recebe uma carta de Vilela solicitando que o encontre na sua casa rapidamente - " 'Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora.' " (ASSIS, 2008, p. 19) -, deixando o traidor preocupado com o possível descobrimento do adultério por parte de seu antigo amigo.

Camilo, então, pega um tálburi para ir até a casa de Vilela e, conforme o carro seguia seu percurso, o homem ficava cada vez mais nervoso e com medo do que enfrentaria:

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas, ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo [...] (ASSIS, 2008, p. 20).

No meio do caminho, o tálburi teve de parar por um tempo, devido a um acidente na rua e foi aí que Camilo olhou para o lado e percebeu que estava próximo da casa da cartomante, a qual Rita consultou outrora. Devido ao seu tormento e medo, as superstições passadas de Camilo voltam a aflorar, fazendo com que ele desejasse consultar a cartomante para descobrir as intenções de Vilela:

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho: ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas: mas a voz do marido sussurrava-lhe a orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar. Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários: e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...? (ASSIS, 2008, p. 20).

Nessa parte, é possível perceber a relatividade nas crenças de Camilo, pois, no início do conto, já é evidenciado sua fraqueza e sua tendência a deixar se levar pelas circunstâncias, além do fato de ter zombado de Rita devido à sua crença em superstições. Entretanto, quando se vê diante de uma situação difícil, Camilo esquece as suas ideologias e se reduz a um tolo, passando a querer acreditar no sobrenatural por causa do medo que sentia de enfrentar a realidade, evidenciando sua fragilidade.

MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: proposta de leitura do conto “A cartomante”

Camilo vai ao encontro da cartomante em sua velha e escura casa e ela logo percebe que o homem está extremamente assustado e preocupado. Camilo, nervoso, revela que tem uma mulher envolvida nesta situação de pânico:

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso (ASSIS, 2008, p. 21).

A cartomante é descrita como uma mulher experiente, que sabe avaliar as feições e o comportamento das pessoas e o nervosismo de Camilo era evidente, além de ele deixar claro que se trata de um adultério. O narrador deixa implícito, subentendido, que a cartomante é uma charlatã, descrevendo a cena de forma sutil e exigindo um leitor atento para perceber suas reais intenções. O ambiente escuro, por exemplo, é imerso em fantasia e mistério, fazendo parecer um local místico:

A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; [...] Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio (ASSIS, 2008, p. 21).

A cartomante, por fim, lhe diz que não precisa temer nada, que o marido traído não sabe sobre o adultério e aconselha que os amantes precisam ter muita cautela:

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Ela levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, *ragazzo innamorato*...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular (ASSIS, 2008, p. 21).

Aqui o narrador insinua que a cartomante apenas falou o que Camilo queria ouvir, pois era muito mais lucrativo para ela. Então, Camilo sai da casa da cartomante aliviado e feliz, reconhecendo que suas preocupações anteriores foram insignificantes, e segue para a casa de Vilela. Chegando lá, encontra Rita morta no chão e logo se junta a ela após levar dois tiros de Vilela, comprovando, assim, a falsidade da cartomante e a tolice de Camilo:

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

[...]

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão (ASSIS, 2008, p. 22).

Como já mencionado anteriormente, Machado faz referência à obra *Hamlet*, de Shakespeare, no conto “A cartomante”. O escritor brasileiro traz essa alusão com o intuito de discutir a crença no sobrenatural. Na peça shakespeariana, o sobrenatural manifesta-se quando o espectro do pai do príncipe surge, enquanto no conto machadiano há a crítica nas crenças sobrenaturais, que, no caso, só são acolhidas por Camilo em um momento de dúvidas e fragilidade. Machado de Assis visava ironizar essa necessidade de acreditar, pois a realidade se mostra evidente. Assim, o escritor pretendeu trazer essa questão juntamente com a crítica à hipocrisia nos comportamentos de Camilo e Rita.

Além disso, a repetição da citação do texto shakespeariano em vários momentos durante o conto – “há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia” – trouxe um certo ritmo para o texto, induzindo ao suspense e à expectativa crescente do leitor, para, ao final, revelar a ironia intencionada por Machado de Assis. As artimanhas do narrador são evidenciadas no final do conto também, revelando sua intenção de exigir um leitor mais atento, que perceba as reais e falsas intenções da cartomante.

Ainda sobre essa relação, é possível verificar que em várias produções de Machado de Assis há referências às obras de Shakespeare, evidenciando a admiração do escritor brasileiro pelo dramaturgo inglês. *Hamlet* foi uma obra que inspirou muitas crônicas, romances e contos de Machado de Assis. Segundo Teles (2017), o escritor cita em suas obras três principais momentos de *Hamlet*:

MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: proposta de leitura do conto “A cartomante”

[...] à fala do jovem príncipe após conversar com o fantasma de seu pai: “Há muita coisa mais no céu e na terra,/Horácio, do que sonha a nossa pobre/filosofia”, no ato I, cena 5; ao famoso monólogo do príncipe dinamarquês, na cena 1 do ato III e à cena do cemitério, na qual Hamlet, junto com Horácio, assiste à abertura da cova de Ofélia e, logo após, apanha a caveira de Yorick e tece considerações cheias de desengano e melancolia, no ato V, cena 1. (TELES, 2017, p. 31).

Em “A cartomante”, há a utilização dessa primeira citação mencionada, como já dissemos. Teles (2017) traz ainda a questão dos fatos presentes nas duas obras, em que esses já estão completos a fim de serem analisados e interpretados:

O fantasma do pai de Hamlet evoca o inexplicável, mas os indícios, como constatará o príncipe, apontam para o assassinato do rei Cláudio. Dessa forma, o inexplicável convive com o factual. Se o fantasma desafia a lógica; os fatos não. Camilo tinha diante de si índices que poderiam lhe mostrar a descoberta, por parte de Vilela, de seu caso com Rita. A súbita mudança do marido, os bilhetes avisando que o caso amoroso era sabido por todos, a maneira inesperada pela qual é chamado à casa do casal no meio do dia... (TELES, 2017, p. 40).

Assim, evidencia-se a ironia feita por Machado de Assis, em que demonstrou a crítica ao caráter de Camilo, que buscava acreditar no sobrenatural quando lhe convinha, para enganar a si mesmo, mesmo diante dos indícios que apontavam claramente a descoberta da traição por parte de Vilela.

A partir do conhecimento sobre Machado de Assis e suas obras e desta análise do conto “A cartomante”, elaboramos a sequência didática a fim de trabalhar as questões aqui mencionadas por meio de leituras compartilhadas, discussões, atividades e produções textuais. Portanto, é imprescindível para o professor realizar estudos e a análise do texto para conseguir trabalhar satisfatoriamente com a atividade em sala de aula e expor adequadamente o conteúdo.

4 O trabalho em sala de aula: proposta para aplicação, percursos e procedimentos

Este trabalho de Prática de Componente Curricular (PCC), como explicado anteriormente, foi desenvolvido durante o quinto semestre de Letras, no ano de 2021, tendo como público alvo estudantes do segundo ano do Ensino Médio, com cerca de 16 anos de idade, por ser a série em que se estuda o Realismo e, conseqüentemente, as produções machadianas. Infelizmente, neste contexto de pandemia, não pudemos aplicar em sala de aula as atividades que passaremos a descrever.

O desenvolvimento das atividades levou em conta o estudo do autor e de sua obra, e também a prática de análise literária como preparação das aulas a serem ministradas; assim, foram envolvidos os conteúdos referentes: à contextualização e estudo sobre a obra de Machado de Assis, autor destacado no período Realista/Naturalista da Literatura Brasileira; ao estabelecimento de relações de sentido entre as características estéticas do período e com as do autor; às técnicas de análise de texto literário, com aplicação de teorias do discurso da

narrativa na compreensão/análise; à interpretação do texto literário e elaboração de material didático, com o propósito de levar à sala de aula de EM a Literatura Brasileira no século XIX.

Assim, por meio das atividades planejadas, buscamos levar ao estudante de EM o conhecimento sobre as características da narrativa machadiana e sua relação com a produção de sentidos, bem como a transposição para a atualidade dos temas discutidos na obra relacionados ao contexto sócio-histórico e também à condição humana. Para tanto, descrevemos as etapas de aplicação previstas para a realização da atividade.

4.1 Procedimentos: primeira etapa

Para introduzir o trabalho da PCC e com o objetivo de oferecer informações sobre a vida e obra do autor, fizemos, por meio da rede social *Instagram*, um perfil fictício, criado por nós, para o próprio Machado de Assis chamado @machadao_assis. Nesse contexto, de certa forma lúdico, as publicações foram escritas e editadas por Machado de Assis, que ainda estaria vivo, supostamente já teria 181 anos de idade e finalmente arriscou-se no mundo virtual. É de extrema importância ressaltar que, devido à pandemia, fomos impossibilitados de aplicar as atividades da PCC, portanto, a divulgação do conteúdo por meio de rede social, além de despertar o interesse dos jovens, por ser algo de seu uso cotidiano, foi a forma encontrada para viabilizar o acesso ao conteúdo.

Para nos aproximar dos jovens do Ensino Médio e adequar a linguagem por eles utilizada em redes sociais, utilizamos hashtags e imagens cativantes postadas no *feed* e nas *stories*, as quais mantivemos salvas nos destaques do perfil. Contudo, ao escrever as legendas dos posts, não utilizamos a típica linguagem coloquial dos adolescentes, mas sim algo mais trabalhado, buscando o arranjo ideal das palavras, na tentativa de nos aproximarmos da escrita machadiana, já que, em tese, os posts foram feitos por ele. Também é importante ressaltar que a rede social utilizada é mais voltada para fotos, portanto os textos das legendas foram breves e o foco foi a edição das imagens, que deveriam ser chamativas.

Nos primeiros posts apresentamos a biografia do autor, curiosidades sobre sua vida, sua falecida esposa Carolina, juntamente de um poema escrito especialmente em sua homenagem, e o grande amigo e influenciador, Manuel Antônio de Almeida. Posteriormente, publicamos a contextualização histórica do Brasil de 1840 a 1908, com um post exclusivamente dedicado à análise da sociedade burguesa do Rio de Janeiro. Na sequência, dedicamos três postagens para obras machadianas que tiveram adaptações para outro gênero: “O Alienista” e sua adaptação em formato de História em Quadrinhos, *Dom Casmurro* que gerou uma minissérie produzida pela Rede Globo e o conto “Missa do Galo” que inspirou Osman Lins e Julieta de Godoy Ladeira a produzirem o livro *Missa do Galo: Variações sobre o mesmo tema*, contendo a versão do conto de Machado de Assis recriada por diversos escritores.

Continuando com as postagens do *Instagram*, explicamos sucintamente o que foi o movimento literário Realismo e como as produções de Machado de Assis interagem com essa escola, para em seguida apresentar o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* - obra que marca o “salto qualitativo” do autor. Em seguida, dedicamos uma postagem para explicar a condição humana retratada

MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: proposta de leitura do conto “A cartomante”

nos contos machadianos, e, então, finalmente fazer um resumo dos contos mais consagrados do autor “O Espelho”, “A Cartomante”, “O Enfermeiro”, “Teoria do Medalhão” e “A Igreja do Diabo”.

Finalizando a apresentação e contextualização do autor, dividimos suas obras em duas fases: a romântica (antes da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*) e a realista (considerada por estudiosos como precursora do modernismo e repleta de obras atemporais). De forma geral, fizemos poucas postagens nos stories, sendo apenas um TBT¹ em homenagem à quando Machado de Assis foi nomeado presidente da Academia brasileira de Letras e posou para foto com seus amigos, também membros da Academia.

Por fim, para encerrar essa primeira parte, criamos um formulário do *Google Forms*² a fim de checar se os estudantes leram e compreenderam as informações contidas no *Instagram*. Exatamente por tratar-se apenas de questões de verificação, não utilizamos perguntas abertas no primeiro momento; e devido à extensão do conteúdo postado, foram necessárias diversas perguntas para abordar todos os temas expostos.

4.2 Procedimentos: segunda etapa

A segunda parte da sequência didática contempla a apresentação do conto que foi estudado: “A Cartomante”. Antes, porém, da leitura compartilhada do texto, discute-se com os estudantes suas opiniões acerca do tema sobrenatural (se eventos desse tipo realmente existem ou não) e sobre traição, vingança e ética. Após essas discussões iniciais, apresentamos para os estudantes a renomada peça de Shakespeare, *Hamlet*, e explicamos que o conto “A Cartomante” intertextualiza com a obra shakespeariana.

Após essa contextualização inicial, em que se busca instigar o interesse dos estudantes, faz-se a leitura compartilhada pela sala, com revezamento da leitura em voz alta. O material, deve ser entregue impresso, contendo o texto e o significado de palavras que nós consideramos desconhecidas para os jovens, por tratar-se de um vocabulário não muito usado nos dias atuais; contudo, fica livre para eles pesquisarem em dicionários online outras palavras ou expressões que não compreendessem. Finalizada a leitura, comenta-se com todos qual o sentido do conto e retomamos as discussões do início da aula, a fim de comparar o posicionamento dos estudantes antes e depois da leitura.

Para aprofundar o estudo do conto, elaboramos seis questões abertas baseadas na análise desenvolvida, de modo a conduzir o entendimento e a interpretação do texto lido. Iniciamos o trabalho com as marcas linguísticas e seus efeitos de sentido sendo que a primeira questão aborda o tempo verbal.

A história de Rita e Camilo é narrada no passado, como algo já acontecido, e utiliza-se dos tempos pretéritos perfeito e imperfeito. Apesar disso, em

¹ A sigla TBT refere-se à expressão em inglês *throwback Thursday*. A tradução para o português seria algo como “retorno na quinta-feira” e é utilizado em postagens de fotos do passado, como forma de relembrar um bom momento.

² As questões encontram-se no Anexo A deste trabalho.

LOPES, G. P.; ANDRADE, L.F.S.; ROMÃO, S.M.; FALEIROS, M. O.

diversos momentos o narrador machadiano usa o tempo presente do indicativo, e essa mudança no tempo verbal aponta para o presente da enunciação, trazendo o comentário e reflexão do narrador sobre a diegese; além disso, a mudança de tempo verbal acarreta um diálogo com o leitor, e é através desse diálogo que o narrador se aproxima do leitor. Dessa forma, podemos perceber dois tempos: o passado (pretéritos perfeito e imperfeito), em que se passa a história e o presente, com os comentários do narrador. Na intenção de fazer os estudantes perceberem o que a mudança de tempo verbal causa, criamos a seguinte questão:

1) Leia atentamente o trecho a seguir e responda ao que se pede.

“Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de credices, que a mãe lhe inculiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.” ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II. No campo da flexão verbal, notam-se inúmeras formas distintas de tempo. Em “cuido que ele ia falar”, visualiza-se o presente do indicativo; em “Camilo não acreditava”, no entanto, percebe-se o uso do pretérito imperfeito. Desse modo, explique a variedade de flexão temporal juntamente com os efeitos de sentido que essa mudança causa no fragmento contemplado.

Em seguida, elaboramos uma pergunta que trata do espaço, da atmosfera criada pelo narrador. Sabe-se que nos contos machadianos a atmosfera gera sentido na leitura, pois o ambiente muda o comportamento e as percepções das personagens, portanto, faz-se necessário observar a diferença de atmosfera dentro e fora da casa da cartomante. Lá dentro é um ambiente que envolve magia, mistério, segredo e a descrição do local é de extrema importância para aproximar a cartomante de seu cliente, que ao entrar em sua casa, já fica embebido nos ares magicamente sombrios. Inclusive, a mudança de ares é fator crucial para fazer o freguês crer que a premonição da cartomante é real e deve ser levada a sério.

2) Quando Camilo entra na casa da cartomante é possível notar uma mudança de atmosfera em comparação com a rua. Cite elementos que comprovem essa mudança e explique os efeitos de sentido criados por meio deste recurso usado.

A partir da terceira questão, exploramos alguns dos elementos da estrutura do discurso da narrativa que são criadores de sentido no conto. Primeiramente trabalhamos com a técnica do *in media res*, que consiste basicamente em voltar ao passado para explicar a ação que já estava em andamento, para tanto, pedimos apenas para os estudantes grifarem no texto as partes em que percebem o uso do *in media res*.

3) Uma técnica muito utilizada na literatura é o chamado *in medias res*. Nesse processo, a narrativa começa com a história já acontecendo, com os

MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: proposta de leitura do conto “A cartomante”

personagens já envolvidos em uma determinada situação, para, depois, voltar ao passado e situar o leitor sobre o início da situação e a relação dos personagens já apresentados, como uma espécie de *flashback*. Considerando esse conceito, podemos afirmar que Machado de Assis usou a técnica do *in medias res* no conto “A cartomante”. A partir disso, volte ao conto lido e grife os três parágrafos em que podemos ver a ação do *in media res*.

A questão seguinte dedicamos à análise dos personagens, sendo estes a própria cartomante e Camilo. A cartomante é uma fraude e algumas passagens do texto tornam o fato evidente. Como ela já tem experiência em seu trabalho, sabe observar as pessoas e falar para elas o que elas querem ouvir, fazendo com que saiam felizes e lhe paguem bem, pois é claro que se ela disser algo que desagrade seu cliente, este ficaria irritado, poderia se recusar a pagar e provavelmente diria que é tudo bobagem. A cartomante é esperta na “leitura” de Camilo e este mostra-se leviano em relação a suas crenças. No início do conto, Camilo afirma com certeza que não acredita no sobrenatural, contudo, quando se faz necessário e pertinente, ou seja, quando lhe convém, ele muda suas crenças e acredita no que a cartomante lhe diz, pois foi satisfatório acreditar que não havia problema em ir à casa de seu amigo Vilela. Pedimos então para os estudantes analisarem e discorrerem sobre os dois personagens, utilizando, se necessário, em sua resposta, trechos do texto que a justificasse.

4) Em “A Cartomante”, podemos observar durante todo o conto o caráter frágil de Camilo. Podemos perceber que momentos antes de ir se consultar com a cartomante, o medo e a tensão o dominavam. Além disso, também podemos perceber que a cartomante é, na verdade uma charlatã, mesmo que o narrador não alegue isso explicitamente. A partir disso, grife no texto trechos em que essas características se evidenciam no entorno dos dois personagens e discorra sobre o comportamento de ambos .

Na sequência, finalizando as questões interpretativas, retomamos a explicação da peça *Hamlet* para que os estudantes sejam enfim capazes de traçar a relação entre a peça de Shakespeare e o conto de Machado de Assis. Não buscamos que eles façam uma comparação entre elas, mas sim que enxerguem o conto machadiano como um comentário acerca da peça, trazendo um novo olhar sobre a mesma temática.

5) No conto “A Cartomante”, podemos observar que Machado de Assis faz uma alusão à peça *Hamlet*, escrita por Shakespeare no século XVI. Na peça, vemos que há o elemento do sobrenatural, reforçado por Machado de Assis ao trazer o trecho: “Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia”, além do fato de Hamlet, o personagem principal, passar por um dilema sobre se deve ou não assumir uma posição diante de uma realidade. Considerando isso, qual é a relação que podemos verificar entre a peça *Hamlet* e o conto “A Cartomante”? Qual a crítica que o autor propõe a partir dessa relação no contexto da narrativa?

Dessa forma, buscamos abordar em nossas questões todos os aspectos que destacamos como relevantes do texto, seja por meio das marcas linguísticas ou dos elementos da narrativa, fazendo com que os estudantes reflitam sobre a fragilidade do caráter humano, a relativização das crenças, o processo de transformação dos personagens e a relação entre o conto de Machado de Assis e a peça de William Shakespeare. Acreditamos que por meio da reflexão sobre os pontos relevantes, os estudantes compreendam a grandiosidade do texto e a genialidade do escritor, valorizando assim a literatura brasileira.

4.3 Proposta de trabalho

Como proposta final de trabalho, sugerimos a escrita de um breve texto, sendo possível ser apenas uma cena, em que uma pessoa engana a outra, assim como a cartomante fez com Camilo. Para tanto, pedimos que descrevam o cenário, deixem subentendido as verdadeiras intenções das personagens e observem as flexões verbais que irão utilizar para causar o efeito necessário. Ao atentarem-se para esses aspectos poderão perceber como, tratando-se de literatura, nada está no texto por acaso, tudo tem o seu significado e é importante para a construção de sentido desejada pelo autor.

Agora, escreva uma cena em que alguém está enganando uma pessoa e ela está acreditando na mentira contada, assim como ocorre entre a cartomante e Camilo no conto estudado. Não se esqueça de fazer como o narrador de Machado de Assis: deixe subentendido para o leitor as falsas intenções da personagem, apontando apenas indícios e dicas que remetam a esse comportamento. Além disso, atente-se ao uso da flexão verbal e do efeito de sentido que deseja causar, descreva o ambiente e as personagens de modo que influenciem nos pontos importantes da história.

5 Considerações finais

O objetivo deste artigo foi descrever o processo de elaboração e aplicação da PCC produzida pelo quinto semestre de Letras, no ano de 2021. Buscamos levar para jovens do segundo ano do Ensino Médio a literatura machadiana e sua grandiosidade através de uma análise crítica de seu conto “A Cartomante”. Além disso, por meio da prática de estudo pretendemos despertar o interesse nos jovens pela literatura, a arte da palavra, que incomoda, faz refletir e é capaz de transformar o homem.

As atividades foram desenvolvidas para estudo do autor e sua obra, visando, portanto, sua contextualização no período histórico, sua adequação quanto às escolas literárias Realismo/Naturalismo, a análise e interpretação do texto literário utilizando-se de teorias do discurso da narrativa e estabelecer relação com a atualidade a partir de temas discutidos na obra produzida no século XIX. Com esses objetivos foram criadas questões de múltipla escolha e também questões abertas, além de uma produção de texto visando a mobilização dos recursos discursivos estudados no conto.

Infelizmente, como dissemos, devido ao contexto de pandemia que vivemos ainda em 2021, fomos impossibilitados e aplicar essa atividade em sala de aula. Contudo, espera-se que por meio do que expusemos aqui, os estudantes

**MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: proposta de leitura do conto
“A cartomante”**

sejam capazes de utilizar em seus textos elementos que indiquem implicitamente as intenções dos personagens, o emprego de flexões verbais visando determinados efeitos de sentido, construir o espaço de forma que contenha aspectos importantes e reveladores para o texto e que apreciem a grandiosidade do autor brasileiro e a riqueza de nossa literatura.

Referências

ASSIS, Machado de. *Várias histórias*. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

BARTHES, R. *O grão da voz: entrevistas 1962-1980*. Literatura/Ensino. Porto: Edições 70, 1982.

BOSI, Alfredo. Machado de Assis. In: _____. *História concisa da literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1985. p. 193-203.

_____. A máscara e a fenda. In: _____. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 73-125.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 15-32.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 169-191.

LAJOLO, Marisa. A leitura literária na escola. In: _____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007. p. 11-32.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. O ensino da literatura. In: _____. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 70-82.

TELES, Adriana da Costa. *Machado e Shakespeare: intertextualidades*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2017.

ANEXO A – QUESTÕES DO FORMULÁRIO DO GOOGLE FORMS SOBRE O CONTEÚDO DIVULGADO NO *INSTAGRAM*

1. Quais alternativas abaixo são informações verdadeiras sobre a vida de Machado de Assis?

Com a morte dos pais do escritor, Machado foi criado pela madrasta, Maria Inês.

O nome completo do escritor é Joaquim Maria Machado de Assis e seu nascimento ocorreu em São Paulo.

Com a ajuda de seu amigo Padre Silveira Sarmiento, Machado aprendeu italiano e latim.

Desde criança, Machado sofria de epilepsia e gagueira.

Machado de Assis foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Machado teve contato com alguns escritores românticos, como Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar e Casimiro de Abreu.

A esposa do escritor, Carolina Xavier de Novais, faleceu em 1904.

O primeiro trabalho de Machado de Assis foi como tipógrafo aprendiz no Correio Mercantil.

2. Assinale os importantes eventos sociais e históricos que ocorreram na época em que Machado de Assis estava vivo.

Proclamação da República

Reurbanização da cidade do Rio de Janeiro

Vinda da Família Real para o Brasil

Lei do Ventre Livre

Revolução Pernambucana

Guerra da Cisplatina

Guerra do Paraguai

Noite das Garrafadas

Guerra do Contestado

Golpe da Maioridade

3. Observe a seguinte afirmação:

“A crítica feita por Machado de Assis à burguesia de sua época se caracteriza pelo fato de que, para os _____ ascenderem na vida, era necessário casar-se com alguém de _____ condições financeiras, revelando o _____ por trás do casamento.”

Qual alternativa abaixo apresenta as palavras que preenchem as lacunas mantendo a coerência sobre essa abordagem temática feita por Machado de Assis?

a) miseráveis / boas / amor

b) miseráveis / más / amor

c) miseráveis / boas / interesse

d) ricos / boas / interesse

e) ricos / más / amor

**MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: proposta de leitura do conto
“A cartomante”**

4. Na obra *Dom Casmurro*, podemos observar a dúvida formulada por Machado de Assis a partir da possível traição de Capitu. O que suscita a dúvida na obra?

- a) O fato de termos apenas a visão de Bentinho sobre a história, não permitindo certeza alguma dos fatos.
- b) O fato de termos apenas a visão de Capitu sobre a história, não permitindo certeza alguma dos fatos.
- c) O fato de Escobar, amigo de Bentinho, falecer e deixar um filho parecido, no quesito aparência, com Capitu.
- d) O fato de Bentinho ter amado Capitu desde a infância, até acontecer o falecimento de Escobar.
- e) O fato de Escobar ter falecido antes de conhecer o filho de Capitu.

5. Quais são as três características que podem ser encontradas em *O Alienista*?

- A) O humor satírico, a atmosfera de dúvida e a ironia.
- B) O humor satírico, o drama envolvente e a ironia.
- C) A ironia, as idealizações românticas e a atmosfera de dúvida.
- D) A ironia, o drama envolvente e as idealizações românticas.
- E) O humor satírico, as idealizações românticas e o apreço pela natureza.

6. Observe o trecho do conto: *O Espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana* de Machado de Assis e assinale a alternativa que apresenta o contraste estabelecido entre a alma exterior e a alma interior presente no conto contemplado:

“[...] Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...
— Duas?
— Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo:
uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...
[...].”

a) O embate representado entre a alma exterior e a alma interior do indivíduo, é que a alma interna diz respeito a algo da própria aparência, e a alma externa se refere à mente do ser humano, tratando da personalidade do indivíduo, o que ele realmente é. Essa questão das almas pode ser percebida, em grande parte, no trecho citado acima.

b) Não há um contraste estabelecido entre a alma exterior e a alma interior.

c) O contraste estabelecido entre a alma exterior e a alma interior do ser humano se dá pelo fato de que esta representa as boas ações do indivíduo na sociedade, e aquela seria a que exhibe suas más ações, ou seja, ilustra o grotesco do ser.

d) O contraste estabelecido entre a alma exterior e a alma interior do ser humano, seria que, enquanto a alma interna remete a algo da própria psique, da personalidade do indivíduo, a alma externa alude às aparências que o sujeito passa, relacionadas às convenções sociais.

LOPES, G. P.; ANDRADE, L.F.S.; ROMÃO, S.M.; FALEIROS, M. O.

e) Ao passo que a alma externa aborda a condição da saúde mental do personagem, a alma interna alude à situação da saúde física do indivíduo, se ele pratica algum esporte, por exemplo.

7. Leia as seguintes afirmativas sobre algumas das principais características do Realismo e assinale a alternativa correta:

I- Pelo motivo de que nesse período o ser humano era altamente analisado, de muitas formas, os autores retratavam-nos da forma mais autêntica possível;

II- Uma vez que o Realismo vai contra o Romantismo, é um período que tem como padrão em suas obras vertentes como a subjetividade e não a objetividade;

III- Dado o fato de que o Realismo se opõe ao Romantismo, é um período que tem como costume aspectos como a escolha da razão em detrimento da emoção;

IV- O Realismo descarta toda e qualquer pesquisa científica, preferindo adotar a religião como forma de estudos e crenças.

a) A afirmação correta é a I, apenas.

b) Estão corretas somente as afirmações III e IV.

c) Estão corretas somente as afirmações II e IV.

d) Estão corretas somente as afirmações I e III.

e) A afirmação correta é a II, apenas.

8. Acerca do conto *O enfermeiro*, leia este trecho e marque a alternativa correta.

“Os anos foram andando, a memória tornou-se cinzenta e desmaiada. Penso às vezes no coronel, mas sem os terrores dos primeiros dias. Todos os médicos a quem contei as moléstias dele, foram acordes em que a morte era certa, e só se admiravam de ter resistido tanto tempo. Pode ser que eu, involuntariamente, exagerasse a descrição que então lhes fiz; mas a verdade é que ele devia morrer, ainda que não fosse aquela fatalidade...” (MACHADO, 1994, p. 7)

ASSIS, Machado de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro : Nova Aguilar 1994. v. II.

a) Machado usava, primordialmente, a figura de linguagem do paradoxo, a fim de revelar as contradições e oposições do caráter humano.

b) No trecho destacado, evidencia-se a natureza irônica do discurso machadiano, visto que, com essa figura, o escritor consolida sua derrisão e, por consequência, revela a real vestimenta humana.

c) Visando à crítica do âmbito social, o referido autor revela as mazelas do homem através do teor descritivo em seus textos, apropriando-se, para tanto, do recurso sinestésico, para retratar as mais reprováveis pulsões humanas e comportamentos animais.

d) O escritor valia-se, em ênfase, do recurso metafórico em suas composições, para trazer leituras simbólicas dos objetos retratados e, assim, aprofundar o debate sobre a dúbia condição humana.

9. Analise as afirmações a seguir e assinale as VERDADEIRAS:

**MACHADO DE ASSIS EM SALA DE AULA: proposta de leitura do conto
“A cartomante”**

() Machado teve uma leve passagem pela vertente Romântica, na qual se encontrou e teve sua ascensão literária.

() Sobre o estilo machadiano, evidenciam-se a ironia, as digressões e a derrisão.

() O autor aventurou-se em inúmeros gêneros literários foi bem-sucedido em todos.

() O teor atemporal das obras de Machado encontra-se no desnudar do caráter humano em seu discurso através da caricatura de suas personagens.

10. Tendo em vista o conto *A Cartomante* de Machado de Assis, o sentimento que move o personagem principal na história é(são) a (o,as):

a) Raiva.

b) Crenças.

c) Inveja.

d) Medo.

e) Ciúme.

11. O conto *Teoria do Medalhão* de Machado de Assis dialoga com o conto *O Espelho*. Assinale a alternativa que explica por que isso acontece:

a) O referido conto dialoga com *O Espelho* pelo fato de que trata do tema aparência e a vontade de ser notado.

b) O referido conto dialoga com *O Espelho* pois trata da questão dos pais influenciarem, de forma excessiva, na decisão da futura profissão do filho.

c) Essa relação é inexistente, porque o autor evita relacionar um conto ou obra a outra.

d) O referido conto dialoga com *O Espelho*, pois, neste, Jacobina tem grande vontade de conquistar um cargo sem grandes esforços e sem grandes reflexões.

e) Essa relação não se faz presente, especificamente, nessas obras em questão, porque os livros de contos em que as obras estão inseridas são diferentes.

12. Leia atentamente as afirmações sobre o conto “A Igreja do Diabo” de Machado de Assis a seguir e assinale as VERDADEIRAS:

() Nesse conto, a temática menos envolvida é a da contradição humana.

() No trecho “[...] Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. [...]”, fica explícita a ausência de fé do ser humano.

() O autor trabalha a questão do homem e a razão e Deus relacionado à religião, de forma cômica.

() O diabo sentia-se humilhado pelo motivo de que não tinha um espaço bem fixado em relação aos seres humanos, sua “instituição” não era bem formada e era desorganizada.